

SIMÕES DE ASSIS





SIMÕES DE ASSIS

Jean-Michel Othoniel

Sob outro sol

Under another sun

curadoria curatorship

Marc Pottier

abertura opening

sábado, 16 de março, 11h às 15h

saturday, march 16, 11am to 3pm

16.03 - 04.05.2024

São Paulo

al. lorena, 2050 A

01424-006 sp brasil

+55 11 3062-8980



Jean-Michel Othoniel, ALFA, 114 fountain sculptures. Permanent installation of the National Museum of Qatar, Doha, 2019.
Photo © Martyn Argyroglo © Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024

Jean-Michel Othoniel: Sob outro sol

Em sua primeira exposição individual no Brasil, Jean-Michel Othoniel (Saint-Etienne, França, 1964) exibe uma ampla gama de trabalhos que não podem ser confinados a nenhuma categoria, mas que também não compõem uma retrospectiva. O que o artista aspira é prover uma visão global de seu trabalho multifacetado. O título Sob outro Sol está tanto ligado às obras muito luminosas que apresenta – entre elas, suas pinturas de flores da paixão que vê como sóis –, mas também à sua chegada a um novo hemisfério, que o obriga, assim como o público brasileiro, a ter uma nova perspectiva, a aproximar-se de novos sóis.

Confiar nas obras para acessar o maravilhoso

Desde o início, em 1988, ano em que os seus trabalhos de estudante – *Insuccès photographiques* (“Fracassos fotográficos”) – foram expostos no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris com “placas fotossensíveis”, já estavam lançados os dados de uma obra “à parte”. Desde então, Othoniel tem utilizado materiais muito variados – enxofre, vidro, tintas diversas... –, geralmente em total harmonia com os locais fora dos museus para onde também é frequentemente convidado a intervir – como na Catedral de Angoulême, no Palácio Ideal do Facteur Cheval, em jardins botânicos do Brooklyn, no jardim de Versalhes... Este pequeno príncipe saint-exuperiano, imortal da Academia Francesa de Belas Artes, nascido em 1964 em Saint-Etienne, nunca hesitou em assumir o seu apetite pela beleza.

Sem se fechar em uma categoria

“Os materiais são uma das chaves para a leitura dos meus trabalhos, são a parte visível do iceberg; a sequência de significados também se faz por meio de palavras, textos, obsessões, coisas não ditas, encontros, perdas...” declarou por ocasião de sua retrospectiva *My Way*, no Centre Pompidou, em 2011. Jean-Michel Othoniel está frequentemente onde você menos espera. Gosta de ser singular e não renega seus diálogos com o passado. Amante da arte antiga, da poesia clássica e ainda dos jardins, para ele a ideia de beleza não está necessariamente ultrapassada.

“Beleza é o que precisamos para nos reconstruir. Isso leva à contemplação. Em muitas outras civilizações, asiáticas, por exemplo, a beleza não é culpada”, ele afirma. A ideia de encantamento e admiração é o que o artista colocou no centro de sua exposição na Galeria Simões de Assis, e suas transgressões estéticas sempre levam a uma forma de reencantamento.

Contas de vidro com significados variados

A sua “invenção” do vidro, que hoje faz parte da sua marca registrada, decorre da sua visita a Murano, quando era residente na Villa Medici, em Roma. Desde então, o público pode ver seus colares de contas em lugares como o Grande Canal de Veneza na Coleção Peggy Guggenheim; a Collection Pinault no Palazzo Grassi; o Kiosque des Noctambules, em Paris; ou nas fontes de Versalhes. Esses colares podem também ser encontrados como obras mínimas, múltiplas e comprometidas, que começaram a ser distribuídas logo após a morte de seu amigo, o grande artista cubano-americano Félix Gonzalez-Torres (1957-1996). São os *Colares de cicatrizes*, feitos de pequenas contas vermelhas, que Jean-Michel carrega sempre consigo e que distribui à sua volta. Vários colares fazem parte da exposição Sob outro sol – embora a galeria já houvesse apresentado, em junho de 2021, três de seus móveis em vidro na exposição coletiva *Metamorfose – Sublimação e Transmutação*.

Um convite a sonhar

“A obra de Félix Gonzalez-Torres marcou uma mudança. Ele foi um dos primeiros a fazer a ligação entre o minimalismo herdado dos anos 70 e a beleza, a beleza exuberante dos anos 90. Eu sou muito grato a ele por ter me apontado esse caminho. Ele tinha também a generosidade de ofertar as suas obras aos visitantes de suas exposições, e foi em homenagem a este gesto que eu criei mil e um colares que distribuí durante a exposição que foi realizada em sua memória, e da qual eu participei”, nos conta este prosélito, sempre gentil e discreto. Othoniel é dono de uma personalidade que sabe nos fazer sonhar, como quando nos conta lendas, como a do deus Indra, cujo colar, ao explodir, criou as estrelas.

Um artista em perpétua experimentação

Em 2011, no Centre Pompidou, na exposição *My Way*, Jean-Michel Othoniel propunha uma travessia retrospectiva que mostrava diferentes etapas: desde 1987, entre suas pesquisas e experiências, assim como a sua descoberta do vidro. Ele explorou a fronteira entre o mundo orgânico e o mundo natural e questionava os limites de gênero. Dez anos depois, a ambiciosa exposição *Théorème de Narcisse*, no Petit Palais, em Paris, nos permitiu novamente avaliar a magnitude do universo de seu trabalho. Diferentemente do que havia feito em 2020, no Louvre – quando, inspirado pela rosa pintada por Rubens no quadro *O Casamento de Maria de Médici e Henrique IV* (1621-1625), havia convidado os visitantes a um passeio onírico, lançando-os no mundo da linguagem secreta das flores e seus simbolismos –, as obras que foram exibidas no Petit Palais eram, desta vez, um diálogo com a arquitetura e seu jardim. Com sutileza, suas contas douradas foram assim adaptadas à escala e à fragilidade das árvores.

Mensagens cruzadas

Ficou gravada na memória daqueles que tiveram o privilégio de ver as escadas de acesso ao Petit Palais com o seu incrível tapete de tijolos de vidro azuis. Era como se fosse um rio que, como uma promessa de felicidade, fluía em direção de um grande jardim do Éden. Esses tijolos azuis, que estavam também na sala de exposições do térreo, em forma seja de tapete, seja de altares, foram, para o artista, um manual para sair da crise. O título *Precious Stone Wall* foi escolhido em homenagem à revolta da comunidade homossexual que aconteceu em 1969, em Nova York, contra a violência policial, e a exposição *Sob outro Sol* apresenta um exemplar desses tijolos. Para Jean-Michel Othoniel, o tijolo é também o material dos pobres na Índia e que encontramos ao longo das estradas. Ele os vê como a esperança do sonho humano de construir a sua própria casa. No Petit Palais, esses tijolos eram frágeis e refletivos. Eles são um sonho em forma de tijolo. Alguns são apresentados na Galeria Simões de Assis como *Wonder Block* (2023) e *Oracle* (2023).

Um artista policéfalo

Sonhador, sem dúvida; poeta, certamente; mas também com as mãos na massa. Através do vidro, um artista policéfalo de grande coração, com o brilho de felicidade que quer compartilhar: “Chegando a assumir a minha vida, as obras seguiram o meu percurso de liberação e da reconquista da felicidade: elas são agora mais autônomas e livres”. *Sob outro Sol* é, para o artista, uma maneira de se questionar, e de se pôr sob o sol do hemisfério brasileiro.



Jean-Michel Othoniel, The Beautiful Dances (Les Belles Danses), Versailles, France, 2015
Photo © Philippe Chancel © Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024



Jean-Michel Othoniel, The Narcissus Theorem, Petit Palais, Paris, France, 2021.
Photo © Othoniel Studio Precious Stonewall © Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024



Jean-Michel Othoniel, My Way, Centre Georges Pompidou, Paris, France, 2011.
Photo © Guillaume Ziccarelli PERROTIN © Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024

Jean-Michel Othoniel: Under another sun

In his first solo exhibition in Brazil, Jean-Michel Othoniel (Saint-Etienne, France, 1964) presents a wide range of works that cannot be confined to any category but also do not constitute a retrospective. What the artist aspires to is to provide a global view of his multifaceted work. The title *Under Another Sun* is both linked to the very luminous works he presents – including his paintings of passion flowers that he sees as suns – but also to his arrival in a new hemisphere, which forces him, as well as the Brazilian public, to have a new perspective, to approach new suns.

Trust in the works to access the marvelous

From the beginning, in 1988, when his student works – *Insuccès photographiques* (“Photographic Failures”) – were exhibited at the Museum of Modern Art of the City of Paris with “photosensitive plates”, the reading chances for a “separate” work was already set. Since then, Othoniel has used very diverse materials – sulfur, glass, various paints... –, usually in total harmony with the places outside of museums where he is also frequently invited to intervene – such as the Cathedral of Angoulême, the Ideal Palace of the Facteur Cheval, botanical gardens in Brooklyn, the gardens of Versailles... This little Saint-Exupéry prince, an immortal of the French Academy of Fine Arts, born in 1964 in Saint-Etienne, never hesitated to embrace his appetite for beauty.

Without confining himself to a category

“Materials are one of the keys to interpreting my works; they are the visible part of the iceberg; the sequence of meanings is also made through words, texts, obsessions, things left unsaid, encounters, losses...”, he declared on the occasion of his retrospective *My Way* at the Centre Pompidou in 2011. Jean-Michel Othoniel is often where you least expect him. He likes to be singular and does not deny his dialogues with the past. A lover of ancient art, classical poetry, and still of gardens, for him the idea of beauty is not necessarily outdated. “Beauty is what we need to rebuild ourselves. It leads to contemplation.

In many other civilizations, Asian ones, for example, beauty is not guilty,” he asserts. The idea of enchantment and admiration is what the artist has placed at the center of his exhibition at Galeria Simões de Assis, and his aesthetic transgressions always lead to a form of reenchantment.

Glass beads with varied meanings

His “invention” of glass, which is now part of his trademark, stems from his visit to Murano when he was a resident at Villa Medici in Rome. Since then, the public can see his bead necklaces in places such as the Grand Canal of Venice in the Peggy Guggenheim Collection; the Pinault Collection at Palazzo Grassi; the Kiosque des Noctambules in Paris; or in the fountains of Versailles. These necklaces can also be found as minimal, multiple, and committed works, which began to be distributed shortly after the death of his friend, the great Cuban-American artist Félix Gonzalez-Torres (1957-1996). They are the *Scar Necklaces*, made of small red beads, which Jean-Michel always carries with him and distributes around him. Several necklaces are part of the exhibition *Under Another Sun* – although the gallery had already presented, in June 2021, three of his glass mobiles in the collective exhibition *Metamorphosis – Sublimation and Transmutation*.

An invitation to dream

“Félix Gonzalez-Torres’ work marked a change. He was one of the first to make the connection between the minimalism inherited from the 1970s and the beauty, the exuberant beauty of the 1990s. I am very grateful to him for pointing me in this direction. He also had the generosity to offer his works to visitors to his exhibitions, and it was in tribute to this gesture that I created a thousand and one necklaces that I distributed during the exhibition held in his memory, and in which I participated,” this proselyte tells us, always kind and discreet. Othoniel has a personality that knows how to make us dream, like when he tells us legends, like that of the god Indra, whose necklace, when it burst, created the stars.

An artist in perpetual experimentation

In 2011, at the Centre Pompidou, in the exhibition *My Way*, Jean-Michel Othoniel proposed a retrospective journey that showed different stages: since 1987, among his research and experiments, as well as his discovery of glass. He explored the border between the organic world and the natural world and questioned the limits of gender. Ten years later, the ambitious exhibition *Théorème de Narcisse*, at the Petit Palais in Paris, allowed us once again to assess the magnitude of the universe of his work. He had invited visitors on a dreamlike journey, immersing them in the world of the secret language of flowers and their symbolism –, the works exhibited at the Petit Palais were, this time, a dialogue with architecture and its garden. With subtlety, his golden beads were thus adapted to the scale and fragility of the trees.

Crossed messages

It was engraved in the memory of those who had the privilege of seeing the staircases leading to the Petit Palais with their incredible carpet of blue glass bricks. It was like a river that, as a promise of happiness, flowed towards a great garden of Eden. These blue bricks, which were also in the ground-floor exhibition room, in the form of either a carpet or altars, were, for the artist, a manual to get out of the crisis. The title *Precious Stone Wall* was chosen in homage to the revolt of the homosexual community that took place in 1969 in New York against police violence, and the exhibition *Under Another Sun* presents a copy of these bricks. For Jean-Michel Othoniel, the brick is also the material of the poor in India and that we find along the roads. He sees them as the hope of the human dream of building his own home. At the Petit Palais, these bricks were fragile and reflective. They are a dream in the form of a brick. Some are presented at the Galeria Simões de Assis as *Wonder Block* (2023) and *Oracle* (2023).

A polycephalic artist

Dreamer, undoubtedly; poet, certainly; but also, hands-on. Through glass, a big-hearted polycephalic artist, with the glow of happiness he wants to share: "In taking charge of my life, the works followed my path to liberation and the reconquest of happiness: they are now more autonomous and freer." *Under Another Sun* is, for the artist, a way to question himself and to put himself under the sun of the Brazilian hemisphere.

Marc Pottier



Jean-Michel Othoniel, Musée du Louvre, Paris, France, 2015.
Photo © Claire Dorn PERROTIN © Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024

Collier Miroir, 2024
aço inoxidável espelhado
mirrored stainless steel
300 x 80 x 80 cm
118 ^{7/64} x 31 ^{1/2} x 31 ^{1/2} in







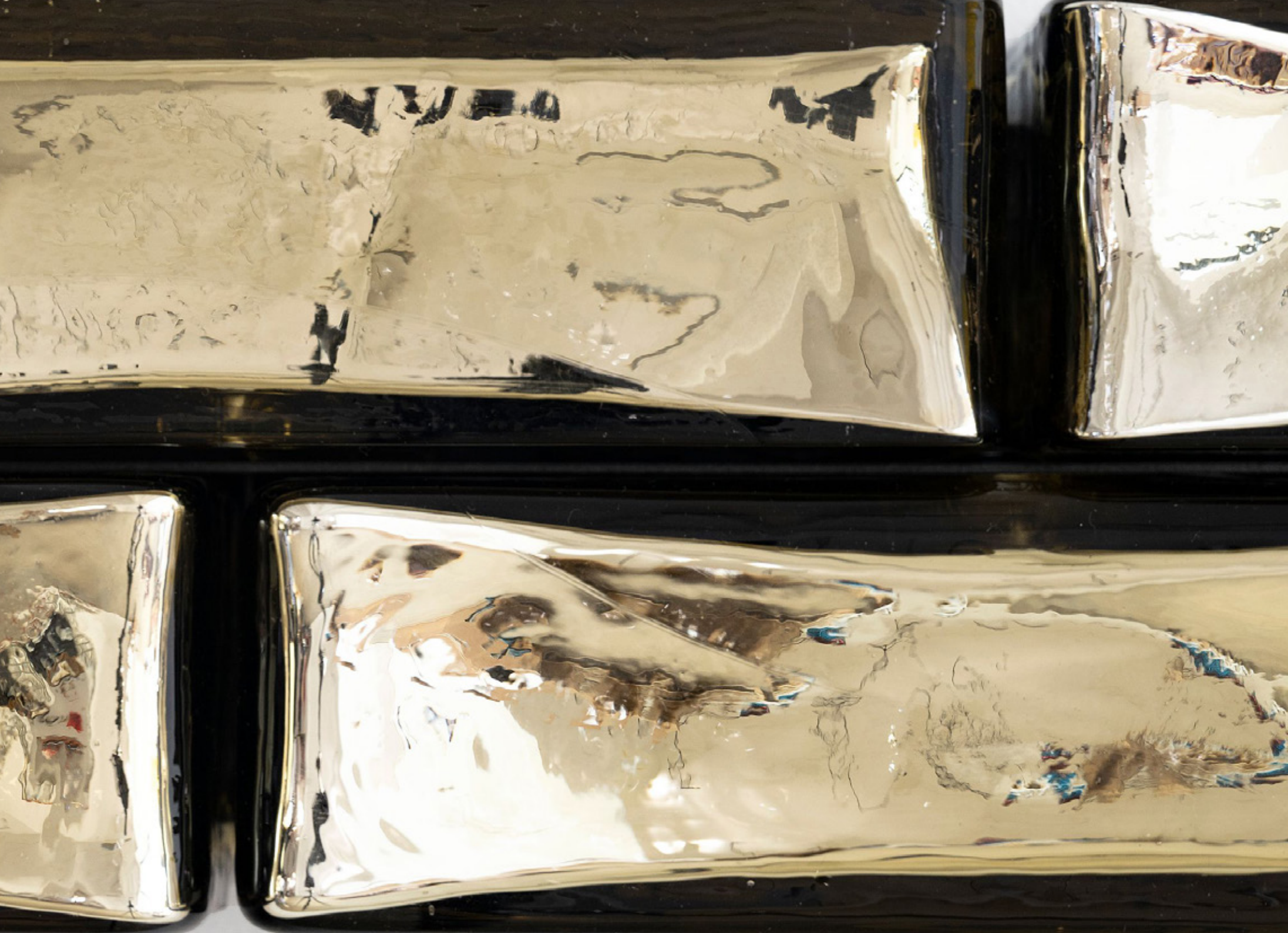
Oracle, 2024

vidro indiano espelhado champanhe pulverizado, aço inoxidável

champagne Indian mirrored glass, stainless steel

13 x 207 x 22 cm

5 ⁸/₆₄ x 81 ³²/₆₄ x 8 ⁴²/₆₄ in





Passiflora, 2024

pintura sobre tela, tintas coloridas

sobre folha de ouro branco

paint on canvas, colored inks on white gold leaf

84 x 72 x 5 cm, ed 1/2 + 1 PA

33 1/16 x 28 3/8 x 1 15/16 in



Passiflora, 2024

pintura sobre tela, tintas coloridas
sobre folha de ouro branco

paint on canvas, colored inks on white gold leaf

62 x 54 x 5 cm, ed. 1/2

24 ⁷/₁₆ x 21 ¹/₄ x 1 ⁵/₁₆ in



Collier rose et cristal, 2024

vidro de Murano rosa e cristal, aço inoxidável
pink and crystal Murano glass, stainless steel

180 x 55 x 18 cm

70 ⁵/₆₄ x 21 ⁴/₆₄ x 7 ⁶/₆₄ in



Amant Suspendu rose et cristal, 2024
vidro de Murano rosa, cristal e aço inoxidável
pink and crystal Murano glass, stainless steel
70 x 15 x 15 cm
27 ³/₆₄ x 5 ⁵/₆₄ x 5 ⁵/₆₄ in



Precious Stonewall, 2024
vidro indiano espelhado rosa pulverizado, madeira
powder pink Indian mirrored glass, wood
80 x 55 x 22 cm
31 ³/₄ x 21 ⁴/₆₄ x 8 ⁴/₆₄ in







Oracle, 2024

vidro indiano espelhado rosa pulverizado, aço inoxidável

powder pink Indian mirrored glass, stainless steel

13 x 274 x 22 cm

5 1/8 x 107 7/8 x 8 1/16 in



Collier aquamarine, cristal, alessandrita, 2023
vidro de Murano aquamarine, cristal e alexandrita,
aço inoxidável
aquamarine, crystal and alessandrita Murano glass,
stainless steel
300 x 50 x 18 cm
118 ⁷/₆₄ x 19 ⁴⁴/₆₄ x 7 ⁶/₆₄ in







Amant Suspendu cristal, rose et vert, 2024

vidro de Murano cristal, rosa e verde, aço inoxidável
crystal, pink and green Murano glass, stainless steel

65 x 15 x 15 cm

25 5/16 x 5 7/8 x 5 7/8 in



Amant Suspendu vert et cristal, 2024
vidro de Murano verde e cristal, aço inoxidável
green and crystal Murano glass, stainless steel
65 x 15 x 15 cm
25 3/16 x 5 7/8 x 5 7/8 in



Amant Suspendu vert et cristal, 2024
vidro de Murano verde e cristal, aço inoxidável
green and crystal Murano glass, stainless steel
65 x 15 x 15 cm
25 3/16 x 5 7/8 x 5 7/8 in





Wonder Block, 2024

vidro indiano espelhado champagne e verde claro,
aço inoxidável

light green and champagne Indian mirrored glass,
stainless steel

120 x 33 x 33 cm

47 ¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



Wonder Block, 2024

vidro indiano espelhado champagne e verde,
aço inoxidável

green and champagne Indian mirrored glass,
stainless steel

120 x 33 x 33 cm

47 ¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in





Oracle, 2024

vidro indiano espelhado rosa indiano, aço inoxidável

Indian pink Indian mirrored glass, stainless steel

13 x 146 x 22 cm

5 ⁹/₆₄ x 57 ³¹/₆₄ x 8 ⁴²/₆₄ in





Wonder Block, 2024

vidro indiano espelhado champagne e verde,
aço inoxidável

green and champagne Indian mirrored glass,
stainless steel

120 x 33 x 33 cm

47 ¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in





Wonder Block, 2024

vidro indiano espelhado champagne e verde,
aço inoxidável

green and champagne Indian mirrored glass,
stainless steel

120 x 33 x 33 cm

47 ¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



Wonder Block, 2024

vidro indiano espelhado champanhe e verde,
aço inoxidável

green and champagne Indian mirrored glass,
stainless steel

120 x 33 x 33 cm

47 ¹/₄ x 12 ⁶/₄ x 12 ⁶/₄ in





© Photo Daniel
© Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024

Jean-Michel Othoniel (Saint-Étienne, França, 1961) é um dos grandes nomes da arte contemporânea internacional, graduado pela École Nationale Supérieure d'Arts, na França, e com formação na Villa Medici, na Itália. Suas esculturas, em diálogo com dimensões arquitetônicas, operam uma geometria monumental. Esculpe peças que se assemelham a joias, tanto pelo aspecto formal, quanto pelo preciosismo dos materiais, que vão de contas a tijolos de vidro de Murano soprado. Suas formas contemplativas navegam pelos reinos paradoxais da monumentalidade e delicadeza, do ornamento e do minimalismo.

A estética deslumbrante de Othoniel orbita em torno da noção de geometria emocional. Através da repetição de elementos modulares como tijolos de vidro ou suas reconhecíveis contas, o artista cria obras de arte que refletem a complexidade da natureza humana. Os trabalhos apresentados transitam no limiar entre o íntimo e o monumental – pinturas delicadas sobre folhas de ouro convivem com as séries radiantes de tijolos de vidro e com os grandes pendentos de contas. Em suas pinturas, Othoniel se interessa enfaticamente no simbolismo potente das flores, assim como materialidade, focada especificamente na ambiguidade entre a força e a fragilidade do vidro. Nelas, o artista continua a explorar sua investigação acerca da natureza através de uma abordagem contemplativa e minimalista, retratando sua visão romântica do mundo em que prazeres simples, como a fauna, são reflexos de significados ocultos.

Com mais de 100 exposições individuais ao redor do mundo, além de centenas de exposições coletivas, Othoniel foi amplamente premiado, com destaque para a distinção de Cavaleiro da Ordem de Artes e Letras da França. Suas obras integram importantes coleções internacionais, como o Centre Pompidou, a Fondation Cartier pour l'art contemporain, em Paris; o Musée National d'Art Moderne de Paris; o Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, o Brooklyn Museum, em Nova York; o Museum of Glass, em Tacoma; a Peggy Guggenheim Collection, em Veneza; o Museum of Contemporary Art (MoCA), Miami; e o Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York.

Jean-Michel Othoniel (Saint-Étienne, France, 1961) is one of the great names in international contemporary art. Graduated from the École Nationale Supérieure d'Arts, in France, and trained at Villa Medici, in Italy. His sculptures, in dialogue with architectural dimensions, operate a monumental geometry. He sculpts pieces that resemble jewelry, both due to their formal appearance and the preciousness of the materials, which range from beads to blown Murano glass bricks. His contemplative forms navigate the paradoxical realms of monumentality and delicacy, ornament and minimalism.

Othoniel's stunning aesthetic orbits around the notion of emotional geometry. Through the repetition of modular elements such as glass bricks or his recognizable beads, the artist creates works of art that reflect the complexity of human nature. His works walk the threshold between the intimate and the monumental – delicate paintings on gold leaf coexist with the radiant series of glass bricks and large beaded pendants. In his paintings, Othoniel is emphatically interested in the potent symbolism of flowers, as well as materiality, focusing specifically on the ambiguity between the strength and fragility of glass. In them, the artist continues to explore his investigation into nature through a contemplative and minimalist approach, portraying his romantic vision of the world in which simple pleasures, such as fauna, are reflections of hidden meanings.

With more than 100 solo exhibitions around the world, in addition to hundreds of group exhibitions, Othoniel has been widely awarded, most notably the distinction of Knight of the French Order of Arts and Letters. His works are part of important international collections, such as the Center Pompidou, the Fondation Cartier pour l'art contemporain, in Paris; the Musée National d'Art Moderne in Paris; the Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, the Brooklyn Museum, in New York; the Museum of Glass in Tacoma; the Peggy Guggenheim Collection, in Venice; the Museum of Contemporary Art (MoCA), Miami; and the Museum of Modern Art (MoMA), in New York.



Jean-Michel Othoniel in his studio in Paris
© Jean-Michel Othoniel / ADAGP, Paris, 2024

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

al. lorena, 2050 A
01424-006 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho, 2173 A
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676